

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

CRISE ECOLÓGICA, CAPITALISMO, ALTERMUNDIALISMO: UM PONTO DE VISTA ECOSSOCIALISTA

Michael Löwy

Sociólogo brasileiro radicado na França, onde leciona na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais da Universidade de Paris.

CRISE ECOLÓGICA E MUDANÇA CLIMÁTICA

A crise ecológica planetária atingiu um ponto de inflexão decisivo com o fenômeno da mudança climática. Primeira constatação: tudo se acelera muito mais rápido que o previsto. A acumulação de gás carbônico, o aumento da temperatura, o derretimento das geleiras polares e das 'neves eternas', as secas, as inundações: tudo se precipita, e as análises dos cientistas, cuja tinta mal secou nos documentos, se revelam muito otimistas. Pende-se agora, cada vez mais, para extremos os mais elevados, nas previsões para os dez, vinte, trinta próximos anos. A isto, é necessário acrescentar alguns perigos, ainda pouco estudados, mas que arriscam provocar um salto qualitativo no efeito estufa e uma derrapagem incontrolável no aquecimento do planeta. Por exemplo, os 400 bilhões de toneladas de CO₂ aprisionadas, neste momento, no *permafrost*, essa tundra congelada que se estende do Canadá à Sibéria. Se as geleiras começarem a derreter, por que o *permafrost* não derreteria também? Existem poucos cenários piores, caso a temperatura aumente 2 ou 3 graus. Os cientistas evitam delinear quadros catastróficos, mas já sabemos os riscos aqui implicados: subida do nível do mar, com inundações, não somente de Daca e outras cidades marítimas asiáticas, mas também de Londres e Nova York. Desertificação de terras a uma escala gigantesca. Falta de água potável. Catástrofes 'naturais' (tornados, tsunamis etc.) em série. Poderíamos alongar a lista. A partir de certo nível de temperatura – seis graus, por exemplo – a terra ainda será

habitável para a nossa espécie? Infelizmente, não dispomos, neste momento, de um planeta sobressalente no universo conhecido dos astrônomos.

Quem é responsável por essa situação inédita na história da humanidade? O Homem, respondem os cientistas. A resposta é justa, porém um pouco rápida: o homem habita a Terra há milênios e a concentração de CO₂ começou a se tornar um perigo há algumas décadas apenas. Nós, marxistas, respondemos assim: *tal delicto cabe ao sistema capitalista*, à sua lógica absurda e irracional de expansão e acumulação ao infinito, seu produtivismo obcecado pela busca de lucro.

Quais são, portanto, as propostas, soluções, alternativas sugeridas pelos ‘responsáveis’, pelas elites capitalistas dirigentes? É pouco dizer que elas não estão à altura do desafio. Às vezes, elas roçam o ridículo: o que falar da reunião do G8 em junho de 2007, esse pomposo encontro das potências do mundo, que solenemente decidiu, com o acordo de George Bush, da União Europeia, do Japão e do Canadá – os grandes poluidores do planeta –, que era preciso “tomar seriamente em consideração” a proposta de redução de emissões de CO₂? Não é formidável? Aliás, Nicolas Sarkozy felicitou-se efusivamente por ter convencido George W. Bush a incluir, no último momento, o advérbio “seriamente” na resolução...¹

Outro exemplo esclarecedor: o derretimento das geleiras do Polo Norte avança muito mais rápido que o previsto: segundo as últimas observações científicas (outubro de 2007), a sua completa dissolução está prevista não mais para 2050, mas por volta de 2020! Isso pode ter consequências dramáticas: de uma parte, um efeito de *feedback*, já que o gelo refletiria, como um espelho, o calor solar, e o mar ou a terra o absorveriam, intensificando assim a mudança climática; de outra parte, o perigo de subida do nível do mar, submergindo países inteiros (um risco real para a Holanda, segundo um relatório da União Europeia). Ora, o que fazem os governos limítrofes da região, os Estados Unidos, a Rússia e o Canadá? Eles disputam, com expedições militares patrióticas, o contorno das respectivas zonas de soberania, tendo em vista a futura exploração do petróleo que se abriga atualmente sob as geleiras...

E, o que dizer dos acordos de Quioto, expressão dos governos (burgueses) mais ‘esclarecidos’, do ponto de vista ecológico? Seu dispositivo central, o “Mercado dos Direitos de Emissão”, revelou-se uma operação tragicômica: as cotas de emissão distribuídas pelos ‘responsáveis’ eram a tal ponto generosas que todos os países acabaram o ano de 2006 com grandes excedentes de ‘direitos de emissão’. Resultado: o preço da tonelada de CO₂ desabou de 20 euros, em 2006, para menos de um euro atualmente. Mencionemos também o último paliativo extraordinário, apadrinhado por Bush

e Lula, mas que interessa também à Europa: substituir o petróleo – de todo modo, destinado a se esgotar – pelos agrocombustíveis. Os cereais ou o milho, ao invés de alimentarem as populações famintas do Terceiro Mundo, encherão os tanques dos carros dos países ricos. Segundo a FAO (Food and Agriculture Organisation) das Nações Unidas, os preços dos cereais já aumentaram consideravelmente por causa da forte demanda por agrocombustíveis, consagrando à fome milhões de pessoas dos países pobres. Sem falar do fato de que a produção desses carburantes, que exige fertilizantes, pesticidas etc., arrisca produzir tanto CO₂ quanto as energias fósseis.

GRANDEZA E LIMITES DA ECOLOGIA

A grande contribuição da ecologia foi – e ainda é – a de nos fazer tomar consciência dos perigos que ameaçam o planeta em consequência do atual modo de produção e de consumo. O crescimento exponencial das agressões ao meio ambiente e a ameaça crescente de uma ruptura do equilíbrio ecológico configuram um cenário-catástrofe que coloca em questão a própria sobrevivência da vida humana. Nós nos confrontamos com uma *crise de civilização* que exige mudanças radicais.

O problema é que as propostas adiantadas pela maioria das ONGs e pelas correntes dominantes da ecologia política europeia são insuficientes ou conduzem a impasses. Sua principal fraqueza consiste em ignorar a conexão necessária entre o produtivismo e o capitalismo, o que conduz à ilusão de um ‘capitalismo limpo’ ou a reformas capazes de controlar os seus ‘excessos’ (como, por exemplo, as *ecotaxas*). Ou ainda, tomando como pretexto a imitação do produtivismo ocidental, pelas economias burocráticas de comando, elas colocam, lado a lado, capitalismo e ‘socialismo’ como variações do mesmo modelo – um argumento que perdeu muito do seu interesse após o desmoronamento do pretenso ‘socialismo real’.

Os ecologistas se enganam se pensam poder fazer economia da crítica marxiana do capitalismo: uma ecologia que não se dá conta da relação entre ‘produtivismo’ e lógica do lucro está destinada ao fracasso – ou pior, à recuperação pelo sistema. Não faltam exemplos. A ausência de uma postura anticapitalista coerente conduziu a maioria dos partidos verdes europeus – França, Alemanha, Itália e Bélgica – a se tornarem simples parceiros ‘ecorreformistas’ da gestão social-liberal do capitalismo nos governos de centro-esquerda.

Considerando os trabalhadores como irremediavelmente consagrados ao produtivismo, alguns ecologistas alheiam-se do movimento operário e inscrevem em sua bandeira: “nem esquerda, nem direita”. Ex-marxistas convertidos à ecologia declaram precipitadamente seu “adeus à classe operária” (André Gorz), enquanto outros (Alain Lipietz) insistem em que é preciso deixar o ‘vermelho’ – ou seja, o marxismo ou o socialismo – para aderir ao ‘verde’, novo paradigma que forneceria uma resposta a todos os problemas econômicos e sociais.

O ECOSSOCIALISMO

O que é, portanto, *ecossocialismo*? Trata-se de uma corrente de pensamento e ação ecológica que faz suas as conquistas fundamentais do marxismo – liberando-o de seus resíduos produtivistas. Para os ecossocialistas, a lógica do mercado e do lucro – como também a do autoritarismo burocrático do falecido ‘socialismo real’ – é incompatível com as exigências de salvaguarda do meio ambiente natural. Criticando a ideologia das correntes dominantes do movimento operário, eles sabem que os trabalhadores e suas organizações são uma força essencial para toda transformação radical do sistema e para o estabelecimento de uma nova sociedade, socialista e ecológica.

Essa corrente está longe de ser politicamente homogênea, mas a maioria de seus representantes compartilha certos temas comuns. Rompendo com a ideologia produtivista do progresso – em sua forma capitalista e/ou burocrática – e oposta à expansão ao infinito de um modo de produção e de consumo destruidor da natureza, ela representa uma tentativa original de articular as ideias fundamentais do socialismo marxista com as conquistas da crítica ecológica.

O raciocínio ecossocialista baseia-se em dois argumentos essenciais:

- 1) o modo de produção e de consumo atual dos países capitalistas avançados, fundado na lógica de acumulação ilimitada (do capital, dos lucros, das mercadorias), de desperdício dos recursos, de consumo ostentatório e de destruição acelerada do meio ambiente, não pode de modo algum ser estendido ao conjunto do planeta, sob pena de crise ecológica maior. Segundo cálculos recentes, caso o consumo médio de energia dos Estados Unidos fosse generalizado ao conjunto da população mundial, as reservas conhecidas de

petróleo se esgotariam em *dezenove dias*.² Esse sistema está fundado, portanto, na manutenção e no agravamento da gritante desigualdade entre o Norte e o Sul.

- 2) De todas as maneiras, a continuação do ‘progresso’ capitalista e a expansão da civilização fundada na economia de mercado – mesmo sob essa forma brutalmente desigual – ameaça diretamente, a médio prazo (toda previsão seria arriscada), a própria sobrevivência da espécie humana, notadamente por causa das consequências catastróficas da mudança climática.

A racionalidade limitada do mercado capitalista, com seu cálculo imediatista das perdas e ganhos, é intrinsecamente contraditória com uma racionalidade ecológica, que leva em conta a longa temporalidade dos ciclos naturais. Não se trata de opor os ‘maus’ capitalistas *ecocidas* aos ‘bons’ capitalistas *verdes*: é o próprio sistema, fundado na impiedosa competição, com exigências de rentabilidade e busca pelo lucro rápido, que é destruidor dos equilíbrios naturais. O pretense capitalismo verde é apenas uma manobra publicitária, uma etiqueta que visa vender uma mercadoria ou, no melhor dos casos, uma iniciativa local equivalente a uma gota d’água no solo árido do deserto capitalista.

Contra o fetichismo da mercadoria e a autonomização reificada da economia pelo neoliberalismo, a aposta do futuro é, para os ecossocialistas, colocar em prática uma ‘economia moral’ no sentido que E. P. Thompson dava a esse termo, ou seja, uma política econômica fundada sobre critérios não-monetários e extraeconômicos: em outros termos, a ‘reintrincação’ do econômico no ecológico, social e político.³

As reformas parciais são totalmente insuficientes: é preciso substituir a microrracionalidade do lucro por uma macrorracionalidade social e ecológica, o que exige uma verdadeira *mudança de civilização*.⁴ Isto é impossível sem uma profunda reorientação *tecnológica*, visando a substituição das atuais fontes de energia por outras, não poluentes e renováveis, tais como a energia eólica ou solar.⁵ A primeira questão que se coloca é, portanto, a do controle dos meios de produção e, sobretudo, das decisões de investimento e de mudança tecnológica, as quais devem ser retiradas dos bancos e empresas capitalistas para se tornarem um bem comum da sociedade. É certo que a mudança radical concerne não apenas à produção, mas também ao *consumo*. No entanto, o problema da civilização burguesa/industrial não é – como frequentemente pretendem os ecologistas – o ‘consumo excessivo’ da população, e a solução não é uma ‘limitação’ geral do consumo, sobretudo nos países capitalistas avançados. É o *tipo de*

consumo atual, fundado na ostentação, no desperdício, na alienação mercantil e na obsessão acumulatória, que deve ser colocado em questão.

ECOLOGIA E ALTERMUNDIALISMO

Sim, respondemos, essa utopia é simpática, mas, enquanto a aguardamos, é preciso ficar de braços cruzados? Claro que não! É preciso travar batalha para obter cada conquista, cada medida de regulamentação, cada ação em defesa do meio ambiente. Cada quilômetro de rodovia bloqueado e cada medida em favor dos transportes coletivos são importantes, não somente porque diminuem a corrida em direção ao abismo, mas porque permitem que as pessoas, os trabalhadores, os indivíduos se organizem, lutem e tomem consciência das apostas do combate, compreendam, por sua experiência coletiva, a falência do sistema capitalista e a necessidade de uma mudança de civilização.

É nesse espírito que as forças mais ativas da ecologia estão engajadas, desde o começo, no movimento *altermundialista*. Tal engajamento corresponde à tomada de consciência de que os grandes riscos da crise ecológica são planetários e, portanto, só podem ser enfrentados por uma atitude resolutamente *cosmopolítica*, supranacional, mundial. O movimento altermundialista é, sem dúvida, o mais importante fenômeno de resistência antissistêmica do início do século XXI. Essa vasta nebulosa, essa espécie de ‘movimento dos movimentos’, que se manifesta de modo visível quando dos Fóruns Sociais – regionais ou mundiais – e das grandes manifestações de protesto – contra a OMC, o G8 ou a guerra imperial no Iraque – não corresponde às formas habituais de ação social ou política. Ampla rede descentralizada, ela é múltipla, diversa e heterogênea, associando sindicatos operários e movimentos camponeses, ONGs e organizações indígenas, intelectuais e jovens ativistas. Longe de ser uma fraqueza, essa pluralidade é uma das fontes de força, crescente e expansiva, do movimento.

Podemos dizer que o ato de nascimento do altermundialismo foi a grande manifestação popular que fez fracassar a reunião da OMC (Organização Mundial do Comércio), em Seattle, em 1999. A cabeça visível desse combate era a convergência surpreendente de duas forças: *turtles* e *teamsters*, ecologistas vestidos de tartarugas (espécie em vias de extinção) e sindicalistas do setor dos transportes. A questão ecológica estava, portanto, presente, desde o início, no coração das mobilizações contra a globalização capitalista neoliberal. A palavra de ordem central do movimento, “o mundo

não é uma mercadoria”, visa também, evidentemente, o ar, a água, a terra, em uma palavra, o meio ambiente natural, cada vez mais submetido ao controle do capital.

Podemos dizer que o altermundialismo comporta três momentos: 1) o protesto radical contra a ordem das coisas existente e suas sinistras instituições: FMI, Banco Mundial, OMC, G8; 2) um conjunto de medidas concretas, propostas que podem ser imediatamente realizadas: a taxação de capitais financeiros, a supressão da dívida do Terceiro Mundo, o fim das guerras imperialistas; 3) a utopia de um ‘outro mundo possível’, fundada em valores comuns, como a liberdade, a democracia participativa, a justiça social e a defesa do meio ambiente.

A dimensão ecológica está presente nesses três momentos: ela inspira tanto a revolta contra um sistema que conduz a humanidade a um trágico impasse, quanto um conjunto de propostas precisas – moratória sobre as OGMs, desenvolvimento dos transportes coletivos gratuitos –, assim como a utopia de uma sociedade vivendo em harmonia com os ecossistemas, esboçada nos documentos do movimento. Isso não quer dizer que não haja contradições, resultantes tanto da resistência de setores do sindicalismo às reivindicações ecológicas, percebidas como ‘uma ameaça ao emprego’, quanto da natureza limitada, e pouco social, de certas organizações ecológicas. Mas, uma das características mais positivas dos Fóruns Sociais, e do altermundialismo em seu conjunto, é a possibilidade do encontro, do debate, do diálogo e da aprendizagem recíproca de diferentes tipos de movimentos.

É preciso acrescentar que a própria esfera de atuação ecológica está longe de ser homogênea: ela é muito diversa e contém um espectro que vai de ONGs moderadas, habituadas às pressões dos *lobbies*, aos movimentos combativos, que investem em um trabalho militante pela base; do Estado (no nível local ou nacional) às lutas que colocam em questão a lógica do sistema; da correção dos ‘excessos’ da economia de mercado às iniciativas de orientação ecossocialista. Essa heterogeneidade caracteriza, aliás, todo o movimento altermundialista, mesmo se uma sensibilidade anticapitalista predomina, sobretudo, na América Latina. É a razão pela qual o Fórum Social Mundial, precioso lugar de encontro – como tão bem explica nosso amigo Chico Whitacker –, onde diferentes iniciativas podem criar raiz, não pode se tornar um movimento sociopolítico estruturado, com uma ‘linha’ comum, com resoluções adotadas pela maioria etc.

É importante sublinhar que a presença da ecologia no ‘movimento dos movimentos’ não se limita às organizações ecológicas – Greenpeace e WWF, entre outras. Ela se torna, cada vez mais, uma dimensão levada em consideração, na ação e

na reflexão, por diferentes movimentos sociais, camponeses, indígenas, feministas e religiosos (Teologia da Libertação).

Um exemplo surpreendente dessa integração 'orgânica' das questões ecológicas com outros movimentos sociais é o MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra do Brasil, que, com seus camaradas da rede internacional Via Campesina, são um dos pilares do Fórum Social Mundial e do movimento altermundialista. Hostil, desde a sua origem, ao capitalismo e à sua expressão rural, o agronegócio, o MST integrou, cada vez mais, a dimensão ecológica em seu combate por uma reforma agrária radical e por outro modelo de agricultura. Quando da celebração do vigésimo aniversário do movimento, no Rio (2005), o documento dos organizadores precisava: o nosso sonho é "um mundo igualitário, que socializa riquezas materiais e culturais", um caminho novo para a sociedade, "fundado na igualdade entre os seres humanos e nos princípios ecológicos". Isso se traduz na ação – frequentemente à margem da 'legalidade' – do MST contra os OGMs (Organismos Geneticamente Modificados), que é, ao mesmo tempo, um combate contra a tentativa das multinacionais – Monsanto, Syngenta – de controlar totalmente as sementes, submetendo os camponeses à sua dominação, e uma luta contra um fator de poluição e contaminação incontrolável dos campos. Assim, graças a uma ocupação 'selvagem', o MST obteve, em 2006, a expropriação do campo de milho e soja transgênicos da Syngenta Seeds, no estado do Paraná, o qual se tornou o acampamento camponês "Terra Livre". É preciso mencionar também seu enfrentamento em relação às multinacionais da pasta de papel, que multiplicam, em centenas de milhares de hectares, verdadeiros 'desertos verdes', florestas de eucaliptos (monocultura) que secam todas as fontes de água e destroem toda diversidade biológica. Esses combates são inseparáveis, para as fileiras e os ativistas do MST, de uma perspectiva anticapitalista radical.

As cooperativas agrícolas do MST desenvolvem, cada vez mais, uma agricultura biológica preocupada com a biodiversidade e com o meio ambiente em geral, e constituem assim exemplos concretos de uma forma de produção alternativa. Em julho de 2007, o MST e seus companheiros do movimento Via Campesina organizaram, em Curitiba, uma "Jornada de Agroecologia", com a presença de centenas de delegados, engenheiros agrônomos, universitários e teólogos da libertação (Leonardo Boff, Frei Betto).

Que se entenda bem, essas experiências e essas lutas não se limitam ao Brasil. Nós as encontramos, sob formas diferentes, em muitos outros países, não somente no Terceiro Mundo, e elas constituem uma parte significativa do arsenal combativo do altermundialismo e da nova cultura *cosmopolítica* da qual ele é mensageiro.

NOTAS

* Originalmente publicado na França no periódico *Actuel Marx* nº 44 (septembre 2008; Dossier: Altermondialisme et Anticapitalisme) com o título “Crise écologique, capitalisme, et altermondialisme. Un point de vue éco-socialiste”. Agradecemos especialmente ao editor Emmanuel RENAULT e ao Professor Michael Löwy pela liberação dos direitos de divulgação deste artigo para a revista *INTERFACEHS*. Traduzido por Marinê de Souza Pereira.

¹ *Le Monde*, 9 Juin 2007, p.4.

² MIES, M. “Liberacion del consumo o politizacion de la vida cotidiana”. *Mientras Tanto*, Barcelona, n.48, p.73, 1992.

³ Cf. Daniel BENSÂÏD, Daniel. *Marx l'intempestif*, p.385-386, 396; e RIECHMAN, Jorge. *Problemas con los frenos de emergencia?* Madrid: Ed. Revolución, 1991. p.15.

⁴ Ver a esse respeito o notável ensaio de RIECHMAN, Jorge. “El socialismo puede llegar solo en bicicleta”. *Papeles de la Fondation de Investigaciones Marxistas*, Madrid, n.6, 1996.

⁵ Alguns marxistas já sonham com um “comunismo solar”: ver SCHWARTZMAN, David. “Solar Communism”. *Science and Society*, número especial: “Marxism and Ecology”, v.60, n.3, Fall, 1996.